

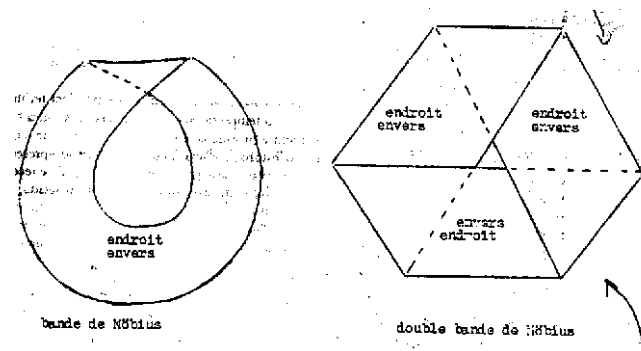
Jacques Lacan

Seminário 25 - o momento de concluir

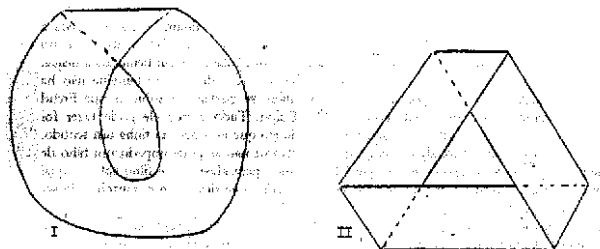
10 - aula de 11 de abril de 1978 - asexo (ualidade)

Texto estabelecido e traduzido por Jairo Gerbase em 22/11/99

Enunciei, colocando no presente, que não há relação sexual. Este é o fundamento da psicanálise. Pelo menos me permito dizê-lo. Não há relação sexual salvo entre as gerações vizinhas, a saber, os pais de um lado, os filhos de outro. É isso que - falo da relação sexual - a interdição do incesto evita. O saber está sempre em relação com o "asexo", que escrevo assim, na condição de ser seguido da palavra "ualidade" colocada entre parêntesis: asexo (ualidade). É preciso saber como se concertar com esta sexualidade. Saber como enredar-se (*comme enfer*) é ao menos assim que escrevo. Faz tempo que comecei a fazer, para simbolizar esta sexualidade, uma banda de Möbius. Agora gostaria de corrigir esta banda, quer dizer, triplicá-la.



Esta é uma banda como qualquer outra, ou seja, seu direito coincide com seu avesso, mas desta vez isso se passa duas vezes. É fácil ver que, se isto é o direito, isto que gira é o avesso, depois de que volta-se ao direito; e depois disso, aqui está o avesso, assim como aqui, onde estava o avesso, está o direito e da mesma maneira aqui, o direito é o avesso. Logo é uma dupla banda de Möbius, quer dizer que é sobre a mesma face que aparecem o direito e o avesso.



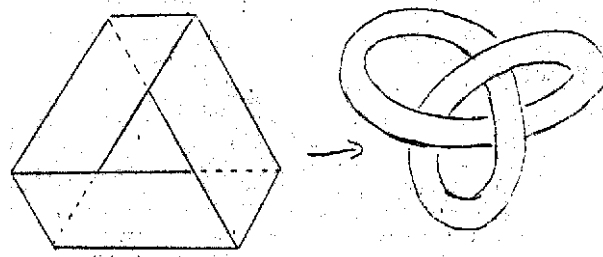
Aqui podemos dizer que é mais simples: se aqui está o direito está também o avesso, como é evidente pelo fato de que o que era o avesso aqui, reaparece lá, isto é, que a banda de Möbius só tem um direito e um avesso.

Mas a distinção que há entre isto (II) e isso (I) apoia-se em que é possível ter uma banda de Möbius cujas duas faces são ao mesmo tempo direito e avesso. Há uma única face de cada lado: é uma banda de Möbius que tem a propriedade de ser bilateral. O que é que se perde na abstração? Perde-se o tecido, o estofado, ou seja, perde-se o que se apresenta como uma metáfora. Tanto quanto, quero observar, a arte por intermédio da qual se tece, é também uma metáfora. É por isso que me esforço em fazer uma geometria do tecido, do fio, da malha. É ao menos onde me conduz o fato da análise, pois a análise é um fato, pelo menos um fato social que se baseia no que se chama o pensamento, que se exprime como se pode com "alíngua" que se tem - lembro que esta "alíngua", a escrevia com uma só palavra com o propósito de mostrar alguma coisa. Na análise não se pensa não importa o que, e no entanto, é exatamente disso que a gente se serve na associação chamada livre: gostar-se-ia de pensar não importa o que. É isso que fazemos? Será que é nisto que consiste sonhar? Em outros termos: será que sonhamos sobre os sonhos? Pois é esta a objeção. A objeção é que Freud, na "Interpretação dos

sonhos", não tira vantagem: sobre o sonho, pela associação livre, sobre o sonho ele sonha. Como saber em que se deter na interpretação dos sonhos? É totalmente impossível compreender o que Freud quis dizer na "Interpretação dos sonhos". Foi o que me fez delirar, devo dizer, quando introduzi a lingüística no que se chama uma pasta bem eficaz, pelo menos supomo-la, e que é a análise. "Da sintaxe à interpretação" foi o que nos propôs Jean-Claude Milner. É verdade que ele tem todas as dificuldades de passar da sintaxe à interpretação. O que havia disso no tempo de Freud? Há evidentemente, como se diz, uma questão de atmosfera, de coordenadas que se chamam culturais. Quero dizer que se fica nos pensamentos, e agir por intermédio do pensamento é alguma coisa que beira a debilidade mental. Seria preciso que existisse um ato que não fosse débil mental. Este ato tento produzi-lo por intermédio de meu ensino. Mas ainda assim é tagarelice. Aqui beiramos a magia. A análise é uma magia que não tem suporte senão no fato de que, certamente não há relação sexual, mas que os pensamentos se orientam, se cristalizam sobre o que Freud imprudentemente denominou de complexo de Édipo. Tudo o que ele pôde fazer foi encontrar no que se chamava de tragédia, no sentido em que essa palavra tinha um sentido, e sob a forma de um mito, alguma coisa que articula que não se pode impedir um filho de matar seu pai. Quero dizer com isto que Laio fez tudo para afastar esse filho sobre o qual foi feita uma predição, o que no entanto não o impediu e eu diria bem o contrário de ser morto por seu próprio filho.

Acredito que aplicando-me dessa forma à psicanálise a faço progredir. Na verdade a ultrapasso. Como dirigir um pensamento para que a análise opere? A coisa mais próxima disso é se convencer, se é que esta palavra tem um sentido, de que isso opera. Tento simplificar isso. Não é fácil. Na passagem do significante, tal como foi entendido, ao significado, há alguma coisa que se perde; em outros termos: não basta enunciar um pensamento para que isso funcione. Elevar a psicanálise à dignidade da cirurgia por exemplo é o que seria muito almejavél. Mas é um fato que para isso não basta o fio do pensamento. Que quer dizer aliás o fio do pensamento? É também uma metáfora. Foi exatamente por isso que fui conduzido, ao que também é uma metáfora, a saber, a materializar o fio dos pensamentos. Fui encorajado por alguma coisa que no fundo é o que dizia no começo, isto é, esta triplicidade que funda o fato da sucessão das gerações. Há três, três gerações entre as quais há relação sexual. Isto implica é claro toda uma série de catástrofes e foi o que Freud em suma vislumbrou. Ele se deu conta disso, mas isso não foi levado em conta em sua vida familiar, porque ele tomou a precaução de ser louco de amor pelo que se chama de uma mulher, e devo dizer, isso é uma esquisitice, uma estranheza. Por que o desejo passa ao amor? Os fatos não permitem explicar. Há sem dúvida efeitos de prestígio. O que se chama de superioridade social deve desempenhar aí um papel; em todo caso, para Freud, isso é verossímil. O problema é que ele sabia. Ele se deu conta que este efeito de prestígio contava, pelo menos é provável que tenha se dado conta. Freud era - deve-se de todo modo colocar a questão - religioso? A questão merece ser colocada. Será que todos os homens tombam sob esse "fardo" (*f.a.i.x.*) de ser religioso? É contudo curioso que haja alguma coisa que se chama a mística, que é um flagelo, como provam bem todos aqueles que tombam na mística.

Imagino que a análise, quero dizer, tal como a pratico, foi o que me tornou moderado. A análise é, devo dizer, um excelente método de cretinização. Mas, talvez eu me diga que sou moderado porque sonho ser um pouco menos. Planificar alguma coisa, seja o que for, sempre é bom. Há algo que é impressionante, é que planificar isso, faz a gente perceber que não é outra coisa senão o fio de três,



quer dizer, que é exatamente idêntico ao fio de 3. Planificar é a mesma coisa que este fio de três. Não parece, mas, no entanto, é disso que se trata. O fio de três é propriamente falando, um nó, um nó com

três pontos de interseção, que é o que planifica nossa banda de Möbius. Rogo considerá-la e me permitir me apoiar nela.